

3 Metodologia

Tendo em conta os objetivos e questões anteriormente explicitadas, optei por um perfil de pesquisa de base qualitativa, e nesta, por trabalhar com entrevistas estruturadas. Nesse contexto, entrevistas são um instrumento de pesquisa que contribuem para mapear escolhas e práticas, permitindo ao pesquisador mergulhar na descrição e compreensão da lógica que orienta as opções e ações dos atores sociais.

Cabe ressaltar que a escolha por trabalhar com entrevistas esteve estritamente vinculada à opção por ouvir professores de história da educação básica. De acordo com Goodson (1992), a pesquisa educacional que pretenda conhecer as prioridades dos professores deve começar por “assegurar que a voz do professor seja ouvida, ouvida em voz alta e ouvida articuladamente” (p.66-67). De outro modo, significa dizer que as estratégias de pesquisa devem “facilitar, maximizar e, em sentido real, surpreender a voz do professor” (p.69).

Neste sentido, foram entrevistados oito professores de história das redes pública e particular de ensino básico da cidade do Rio de Janeiro, levando-se em conta, no entanto, o “ponto de saturação”, ou seja, a situação em que as informações coletadas nas entrevistas passam a ser recorrentes e repetitivas. As entrevistas, com duração aproximada de quarenta minutos foram realizadas a partir de um roteiro estruturado, ou seja, previamente elaborado, que teve como objetivos identificar concepções de cinema e de ensino de história, critérios de escolhas de filmes e as práticas pedagógicas utilizadas pelo professor ao fazer uso de filmes na escola (o roteiro das entrevistas encontra-se em anexo).

Para evitar escolhas arbitrárias, a seleção dos professores entrevistados foi feita em sistema de rede, no qual a partir de um ego focal - informante qualificado, que conhece bem o campo em estudo e se dispõe a ser o primeiro de uma série de possíveis entrevistandos - cada entrevistado indica outros possíveis informantes naquele campo, configurando assim uma rede de “especialistas” no tema que está sendo investigado. Um critério que esteve presente na seleção foi que o professor tivesse um razoável tempo de uso regular de filmes em suas aulas, considerando para tal, um uso em torno de cinco anos. Buscou-se, à medida do

possível, manter um equilíbrio entre o número de professores de escolas públicas e de escolas particulares no conjunto das entrevistas.

Como se deram as entrevistas

A pesquisa de campo foi realizada ao longo do segundo semestre de 2006. Como relatado acima, esteve centrada nos depoimentos de oito professores de história das redes pública e privada que atuam na educação básica na cidade do Rio de Janeiro. No conjunto, à época, esses professores trabalhavam em dezenove instituições escolares diferentes.

Registro, de início, a dificuldade que foi lidar com minha imensa timidez ao fazer os contatos com cada entrevistado. Em princípio, me sentia invadindo a vida pessoal dos professores a serem entrevistados e, principalmente, seus preciosos tempos. O que me ajudou a lidar melhor com esse sentimento foi a compreensão, que aos poucos impregnei, de que também estava oferecendo algo àqueles profissionais, principalmente, a oportunidade de explicitarem suas reflexões a respeito de suas motivações e dos usos que fazem de filmes no ensino de história. De uma certa forma, a pesquisa também era uma forma de reconhecimento do trabalho destes docentes. Essa perspectiva me animou a aceitar meu lugar de pesquisador e, assim, em determinadas circunstâncias, o papel de “invasor”.

Destacarei a seguir alguns aspectos que foram comuns às situações de entrevistas realizadas para esse trabalho.

Fui muito bem acolhido como pesquisador, assim como encontrei receptividade e interesse por parte dos professores em contribuir para dar conta das questões que propunha para sua reflexão e posicionamento, o que facilitou de maneira significativa meu trabalho.

Como quase todos os professores preferiram que as entrevistas ocorressem em seus locais de trabalho ou nas proximidades, sempre convivi de minha parte com uma preocupação com o tempo de realização da entrevista, de maneira que ela não viesse a prejudicar as atividades de rotina dos entrevistados, ainda que eles tenham, na medida do possível, sempre buscado encaixá-la em algum horário que tivessem um pouco mais de flexibilidade.

Após esclarecer os objetivos da pesquisa e fazer acordos quanto ao andamento da entrevista, procurei ter como postura apenas interromper o entrevistado quando precisasse da confirmação de alguma de suas informações ou um maior esclarecimento a respeito da lógica de seu raciocínio.

Considerando a metodologia assumida para o trabalho, o sistema de rede, após definir o primeiro professor entrevistado (entrevista em anexo), que ainda pude escolher, entrei em contato com este. Na verdade, uma professora, de quem, apesar de não ter conhecimento mais próximo até então, tinha referências através de uma ex-aluna sua e de um colega de trabalho, também professor de história e seu ex-licenciando. Além disso, trata-se de uma profissional respeitada entre seus pares por seu trabalho não só no ensino de história da educação básica, mas também na formação de professores desta área, portanto, indiretamente, também já conhecida por mim.

Meus “informantes” iniciais reforçavam o estímulo a tê-la como primeira entrevistada, por a considerarem uma docente que em suas atividades de aula costumava fazer um uso elogiável de filmes, além de a reconhecerem como uma profissional com uma experiência amadurecida de trabalho no espaço escolar.

Vale registrar que, apesar dos recorrentes estímulos, tive uma resistência inicial por saber que se tratava de uma docente muito requisitada profissionalmente, portanto, não só temia sufocá-la em sua carregada agenda, mas também não conseguir dar conta de minha tarefa acadêmica. No entanto, desafiei meus temores e, hoje, lamento já não ter dialogado com ela sobre as alegrias e dilemas de nosso trabalho no ensino de história há mais tempo.

Em meados de agosto de 2006, realizei, enfim, a primeira entrevista, que ocorreu na instituição pública em que trabalha a docente. Ela se deu em uma pequena sala, a partir da qual a entrevistada coordenava à época um projeto de trabalho. Como a sala fica em um dos andares onde ocorrem as aulas dos alunos de ensino fundamental e médio, mesmo com a porta fechada, era comum durante a entrevista, entrar o som da energia juvenil gravador à dentro, ainda que isso em nenhum momento tenha prejudicado a qualidade da troca com a entrevistada e nem tornado a gravação inaudível, apenas, em alguns trechos, a transcrição se fez mais trabalhosa.

Como fruto deste bom ambiente de primeira entrevista e das trocas realizadas com a professora, me permiti adicionar duas novas questões às que

havia levado inicialmente, o que também, nesse aspecto, contei com sua percepção. Ou seja, esse primeiro contato me serviu para consolidar o universo de questões que passaram a estar presentes nas entrevistas até o último depoimento, além, de maneira definitiva, ter me reforçado a validade e relevância das proposições que levava ao campo. Vale lembrar ainda que, recebi dela três indicações de docentes como possíveis entrevistados.

Este primeiro depoimento me marcou pela forte preocupação da professora com que seu exercício docente no ensino de história esteja articulado a reflexões e práticas que tenham em conta as questões do âmbito formativo.

Das indicações recebidas, todas resultaram em entrevistas realizadas, embora, uma delas eu tenha precisado descartar em função da pequena frequência de uso de filmes informada pelo professor entrevistado. Das duas outras, uma das entrevistas não me gerou novas indicações, o que foi compensado pelo fato de ter recebido duas novas sugestões do outro entrevistado.

Ainda daquelas três primeiras indicações, vivi algumas situações curiosas e aflitivas tendo em conta o tempo curto para a pesquisa. Quando liguei para um dos futuros entrevistados na véspera do que havia sido combinado como dia do encontro, para lembrá-lo, fui informado pelo próprio de que havia esquecido da entrevista e marcado um médico naquela mesma hora. Até que realmente nos encontrássemos foram três semanas sem que eu pudesse avançar nas entrevistas, pois dependia para tal desse depoimento e de uma possível indicação que daí viesse. Fiquei com uma forte impressão de que, na verdade, o futuro entrevistado de então, havia superdimensionado aquela situação, imaginando inclusive precisar de um tempo maior para preparar-se para a entrevista.

O segundo depoimento me revelou um docente de sólida e refinada base cultural, além de um convicto defensor do documento como elemento estratégico do trabalho do professor no ensino de história realizado na educação básica, incluindo nesta perspectiva o próprio filme.

Como se tratava de um docente com encargos de coordenação na instituição em que trabalha, fiquei especialmente preocupado em não extrapolar o tempo planejado para a entrevista, pois sabia de sua margem menor de flexibilidade no horário. Apesar desta situação ter me trazido alguma ansiedade, em função dos limites do tempo, a capacidade de elaboração e concisão desse

professor acabou fazendo com que o depoimento se tornasse produtivo e esclarecedor de seus olhares a respeito das questões postas.

Como o primeiro depoimento, esse segundo aconteceu em uma pequena sala mais reservada da instituição.

A terceira entrevista se deu com uma jovem professora, que me chamou a atenção não só por ter sido a única que em sua formação teve um curso eletivo, durante a graduação na UFF, envolvendo Cinema e História, mas também por sua forte preocupação e, até mesmo, uma certa angústia com os caminhos e descaminhos do ensino de história e dos currículos escolares na educação básica.

Realizamos a entrevista nas proximidades de uma de suas escolas, no banco de uma calçada de uma pequena travessa entre duas outras escolas, em absoluta tranquilidade e silêncio. O verde de uma praça próximo e de uma mata, certamente, contribuiu para o ambiente favorável, além do fato, dos estudantes naquele momento estarem em horário de aulas.

Na quarta entrevista novamente estive com uma professora, também em um espaço público e dessa vez acompanhados por alunos de uma escola próxima a da entrevistada, que se mostravam muito curiosos sobre quem seria aquela pessoa que era entrevistada tão cedo da manhã. Percebi que todo o tempo eles esticavam os ouvidos à busca do que se passava ali, até porque uma vez ou outra entendiam que estávamos tratando de algo que tinha a ver com eles, pois falávamos de “alunos”, “filmes na escola”, “ensinar história”, etc. Vale lembrar, que apesar da enorme curiosidade, mantiveram-se, enquanto acompanharam a entrevista, em uma atitude respeitosa e de uma comovente solidariedade.

A professora se demonstrou uma docente orientada a incentivar o contato dos alunos com um leque amplo de linguagens que, na medida possível, possam dialogar entre si e serem mutuamente estimulantes uma a outra. Além disso, se caracterizou por ter sido uma das entrevistadas mais preocupadas com questões do âmbito da formação de valores de seus alunos.

Sem dúvida, as tiradas de bom humor desta professora tornaram essa entrevista muito agradável. Um último registro que me impressionou: ela é sócia de onze videolocadoras de filmes na cidade do Rio de Janeiro, isso sem falar em São Paulo, quando em uma temporada por aquela cidade, se associou para assistir lá o que não encontrava aqui.

O quinto depoimento se deu na biblioteca de uma escola confessional, localizada no quarto andar do prédio. Aparentemente, tinha tudo para ser um oásis de tranquilidade, no entanto, como nela há uma pequena arena onde ocorrem atividades de leitura com as crianças menores e, ao lado, no andar térreo, uma quadra de educação física que àquela hora estava em pleno uso, durante um certo tempo, a entrevista conviveu com um razoável nível de ruído. Nesse caso, também, foi difícil recuperar alguns trechos. O paradoxo foi constatar que uma entrevista realizada em uma biblioteca pode ser mais barulhenta do que uma que se dê na rua, como as duas anteriores.

Apesar das adversidades iniciais, aliviadas após um tempo com o encerramento da atividade dos pequenos, a entrevista fluiu satisfatoriamente, enriquecida pela emoção, sensibilidade e seriedade da professora entrevistada. Não tenho dúvidas, que tenha sido o depoimento mais emocionado que colhi, provavelmente, pelo cinema estar tão presente na alma de uma docente que fez formação como atriz e ainda cultiva o sonho de assim atuar. A seriedade a que me refiro deve-se, sobretudo, ao fato de apesar de manifestar seu desejo de ainda trabalhar como atriz, essa professora investir plenamente na atividade docente que exerce nesse momento. Em cada fala, ela me transmitia uma profunda integridade e envolvimento com suas atuais atividades.

Vale registrar que esta mesma professora teve um papel chave no andamento da pesquisa, pois ela não só esforçou-se para obter acesso a um professor indicado por ela, como ainda me ofereceu uma segunda indicação preciosa.

O professor indicado por dois entrevistados anteriores, foi de uma enorme gentileza: propôs-se a ir a minha casa para que eu pudesse colher seu depoimento. Colhido, e ouvindo a gravação alguns minutos após sua saída, percebi um grave problema que gerei: ao apertar indevidamente o gravador a certa altura da entrevista, perdi três das questões respondidas por ele. Expliquei o que havia ocorrido e para meu alívio, o professor se disponibilizou não só para voltarmos àquelas três questões, mas, a retornar a minha casa.

Seu depoimento foi marcado por uma rigorosa preocupação com que a presença do cinema na escola e, particularmente, no ensino de história, se firme como um instrumento de reflexão. Também presente de uma forma singular, a atenção a que o docente ao planejar o uso de um filme prepare, de maneira

adequada, o ambiente em que os alunos conhecerão a obra filmica. Por último, foi o único entre os entrevistados, em que tive menção ao uso de filmes em um curso de mestrado em História, nesse caso, realizado na UERJ.

A penúltima entrevista ocorreu na sala de professores de uma escola confessional durante o primeiro tempo de aulas, em um ambiente tranqüilo, acompanhados apenas de um casal de periquitos e de um colega do entrevistado, também professor de história, que chegou um pouco depois à sala, mas que manteve um silêncio respeitoso durante as trocas.

O professor entrevistado, descobri então, é um cinéfilo clássico. Difícil imaginar o que ele já não tivesse visto de filme na vida. Muito tranqüilo e solícito, só mudava o tom quando referia-se a ausência de uma cultura cinematográfica refinada entre os jovens de hoje. Nesses instantes, chegava a demonstrar uma certa irritação e frustração. No entanto, assume como docente a tarefa de contribuir com que seus alunos possam ter acesso a filmes como bens culturais. O percebi como um dos entrevistados que mais demonstrou atenção ao uso do filme como instrumento formativo.

Finalmente, em fins de novembro de 2006, consegui realizar o que se configuraria como a última das entrevistas para essa pesquisa. Ela aconteceu em uma pequena sala de aula, sem uso naquele momento, embora tendo a seu lado algumas outras, ainda em razoável atividade, o que significava sermos relativamente acompanhados por uma alegre energia juvenil do lado de fora. Em alguns poucos casos, também aqui, encontrei dificuldades na hora de transcrever a entrevista, sem, no entanto, haver alguma situação em que não tenha podido recuperar a fala do docente.

O entrevistado, um professor muito tranqüilo, me impressionou pela fluência teórica e por defender de maneira muito precisa seus pontos de vista, além de ter me deixado a impressão de que, entre os entrevistados, tivesse sido um dos que mais tenha demonstrado em seu relato, uma firme atenção com a busca por realizar uma prática que implique em um uso plural de linguagens em suas aulas. Sempre procurou enfatizar, o quanto a linguagem cinematográfica comparece em suas atividades como uma das linguagens exploradas.

Quadro de dados dos professores entrevistados.

Nome	Idade	Formação	Tempo de Magistério	Tempo de uso do filme	Frequência de uso anual	Rede de ensino em que atua	Nível de ensino em que atua
Helena Araújo	44 anos	Mestrado em Educação	21 anos	21 anos	3 a 4	Pública e Privada	Fundamental e Médio
Luís Afonso	42 anos	Graduação em História	22 anos	17 anos	16	Privada	Fundamental e Médio
Renata Augusta	36 anos	Mestrado em História	12 anos	12 anos	4	Pública e Privada	Fundamental e Médio
Ana Lúcia	39 anos	Especialização em História	13 anos	13 anos	8 a 9	Pública e Privada	Fundamental e Médio
Ana Carolina	27 anos	Mestrado em História	7 anos	7 anos	3 a 4	Pública e Privada	Fundamental e Médio
Hilton Meliande	33 anos	Mestrado em História	7 anos	7 anos	8	Pública e Privada	Fundamental e Médio
Jorge Luiz	40 anos	Graduação em História	8 anos	7 anos	2	Pública e Privada	Fundamental e Médio
Wagner Pinto	44 anos	Graduação em História	23 anos	21 anos	3	Privada	Fundamental e Médio